

CORPO DE DELITO

Angelus pop

Se calhar, o Angelus, no mundo de hoje, em que tudo é espetáculo, também é um momento pop, em que o que se diz interessa bem menos do que a sensação de estar lá, de ver e ser visto e, sobretudo, de tirar fotografias



Rui Patrício

No domingo passado, por razões que agora não vêm ao caso, estava em Roma e, ao meio-dia em ponto, na Praça de São Pedro, hora do Angelus papal. Não sou crente, muito menos católico apostólico romano, mas quis dar atenção às palavras do Papa Francisco, bem entendíveis naquele seu italiano pausado e caloroso. Mas não foi fácil, no meio da multidão que enchia o espaço saído da imaginação e do traço de Bernini – multidão essa, suponho, repleta de crenças católicas apostólicas romanos e, segundo a Rádio Vaticano e outras vozes noticiosas, vindos de todas as partes do mundo. Verdadeiramente *urbi et orbi*.

Não chegou a 15 minutos a alocução do Papa, mas foi tempo mais do que suficiente para a multidão que me rodeava se ter enchido de selfies, para se ter (e ter-me) acotovelado em poses para a fotografia, para ter agitado um mar de bandeiras e de lenços que, pouco fraternalmente, tapavam a vista aos que estavam atrás, para uns adolescentes terem repetidamente gritado que viam mal o Santo Padre e para um grupo de polacos em peregrinação mariana (aliás, saudados pelo pontífice) terem falado tanto entre si e com tanta energia que me pareceu que a cansativa peregrinação os revigorara sobremaneira. *Et cetera*. Enfim, 15 minutos repletos de atividade

Não chegou a 15 minutos a alocução do Papa, mas foi tempo mais do que suficiente para a multidão que me rodeava se ter enchido de selfies

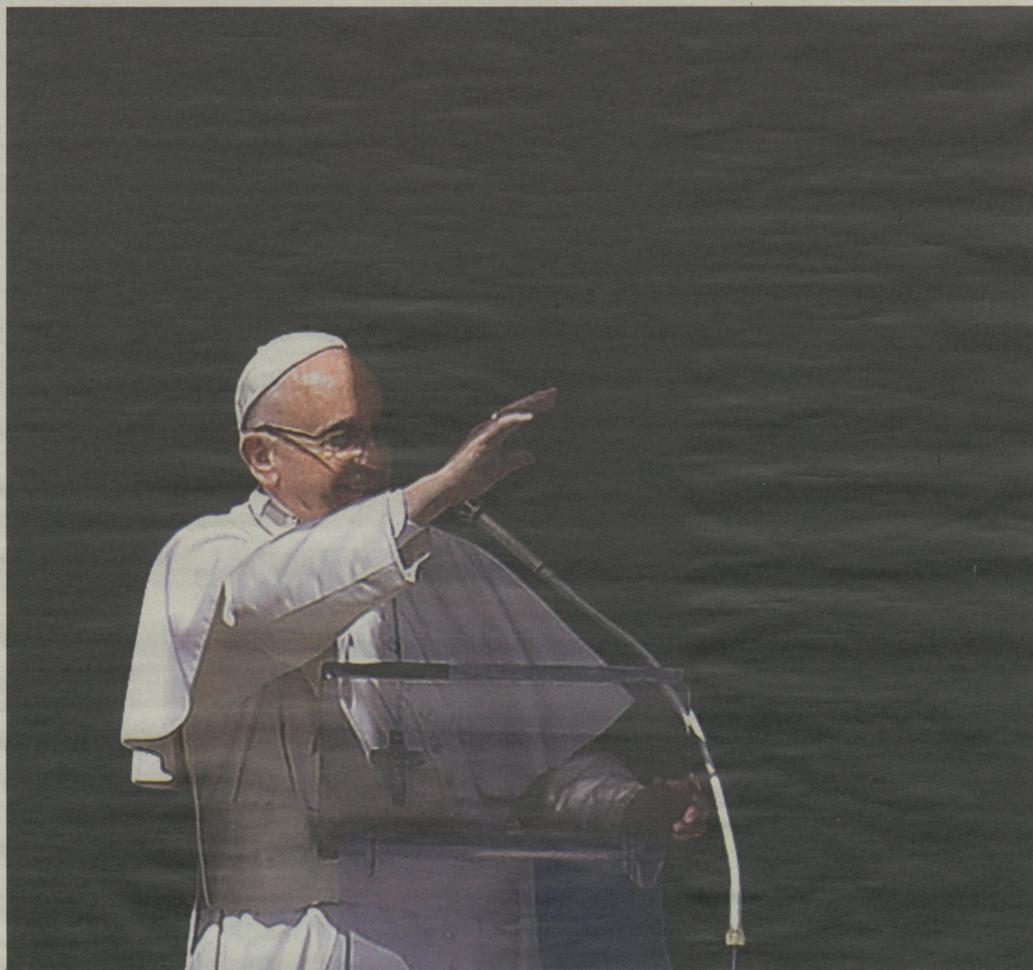
de e agitação naquela multidão que me rodeava. Por acaso parecia que, por mero acaso, nesses mesmos minutos, o Papa falava, mas fiquei com a sensação (porventura errada, mas fiquei) que poucos estavam a dar a devida atenção, e os que estavam a tentar encontravam dificuldades tão extensas e incomodativas quanto um daqueles selfie sticks que se vendem barato na Via della Conciliazione.

Se calhar, o Angelus, no mundo de hoje, em que tudo é espetáculo, também é um momento pop, em que o que se diz interessa bem menos do que a sensação de estar lá, de ver e ser visto e, sobretudo, de

tirar fotografias. Talvez cheguemos ao dia em que haja fila de autógrafos ou desmaios emotivos. Não sei, e quem sou eu para meter nisto, eu que nem sequer sou crente. Estava em Roma e fui por mera curiosidade, não levei bandeira ou lenço, não tirei selfies, não fiz barulho. E devo dizer que gostei do (pouco) que consegui ouvir. O Papa, no seu tom de voz amigoso, falou da importância de Deus, mas julgo que também sublinhou que Deus não é mágico e que o caminho está principalmente em cada um de nós. Creio que não é preciso ser crente para perceber isso e para gostar. O que é preciso é prestar atenção,

estar sossegado, caladinho, ouvir e pensar um pouco. E são só alguns minutos, não custa muito, mais logo já podem enxamear as augustas pedras do Coliseu de poses e de fotografias e podem forrar de moedas a cinematográfica Fontana di Trevi. Nas minhas preces, se as fizesse, apenas pediria que, por momentos, parassem o espetáculo e o frenesim, pediria 15 minutos sem selfies, rogaria um pouco de silêncio e de pensamento. Oraria por uns momentos (ainda que breves) do mundo pré-pop. Não seria pedir muito, pois não? *Ora pro nobis*.

Escreve quinzenalmente
à sexta-feira



O Papa sublinhou que Deus não é mágico

FILIPPO MONTEFORTE / AFP